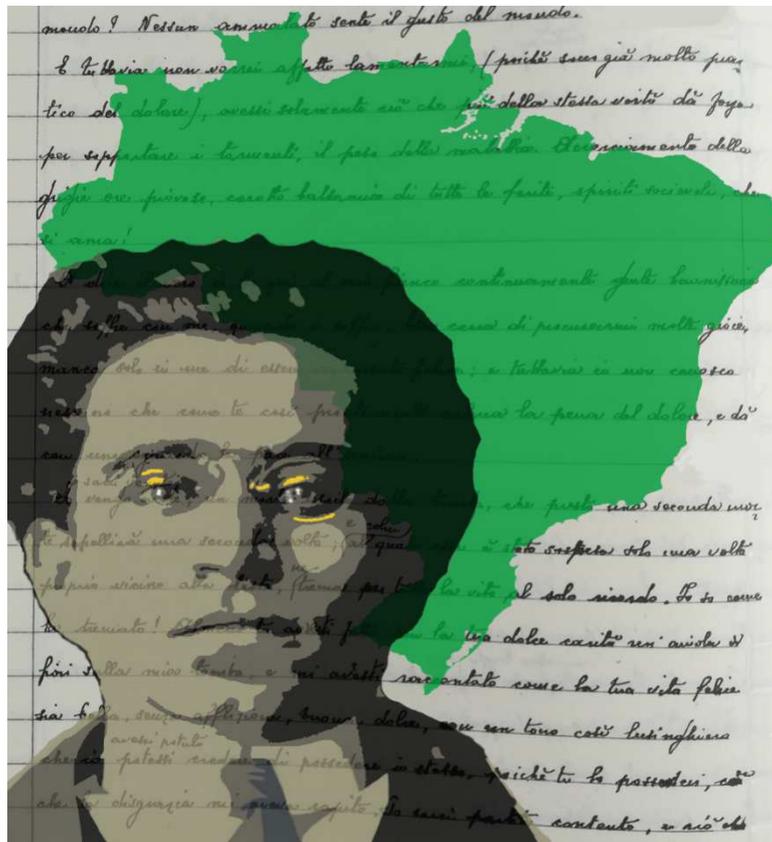


AMMENTU

Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



CENTRO STUDI SEA

aip edizioni **aip** **srl**

Numero speciale / 2
gennaio - giugno 2020

Direzione

Martino CONTU (direttore), Annamaria BALDUSSI, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Giampaolo ATZEI (capo redattore), Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Mariana FERNÁNDEZ CAMPO, Manuela GARAU, Camilo HERRERO GARCÍA, Roberto IBBA (capo redattore), Francesca MAZZUZI, Nicola MELIS (capo redattore), Giuseppe MOCCI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Elisabeth RIPOLL GIL, Maria Cristina SECCI (coordinatrice), Maria Angel SEGOVIA MARTÍ, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Zaide CAPOTE CRUZ, Instituto de Literatura y Lingüística "José Antonio Portuondo Valdor" (Cuba); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Josep María FIGUERES ARTIGUES (Universitat Autònoma de Barcelona); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Maria Luisa GENTILESCHI, Università di Cagliari (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Antoni MARIMÓN RIUTORT, Universidad de las Islas Baleares (España); Lená MEDEIROS DE MENEZES, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España); Dante TURCATTI, Universidad de la República (Uruguay)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
di Fondazione "Mons. Giovannino Pinna" onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



ENTRO STUDI SEA

a **aipsa** **edizioni** **sti**

I EDIZIONE

© 2020

Centro Studi SEA
di Fondazione “Mons. Giovannino Pinna” onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro
e-mail: info@centrostudisea.it
www.centrostudisea.it
www.centrostudisea.it/ammentu/index.php/rivista

ISSN 2240-7596
ISBN 978-88-96125-52-6

AIPSA Edizioni
Via dei Colombi 31
Cagliari
Tel. 070 306954
e-mail: aipsa@tiscali.it
www.aipsa.com

I diritti di traduzione, di memorizzazione elettronica,
di riproduzione e di adattamento totale o parziale
con qualsiasi mezzo (compresi i microfilm e le copie fotostatiche)
sono riservati per tutti i paesi.



CLACSO
Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales



In copertina

Antonio Gramsci, immagine realizzata da Alessandro Ruggeri, Cagliari, 31 maggio 2020.

Sommario

“GRAMSCI TROPICALE”: DOSSIER SUL SUCCESSO DEGLI STUDI GRAMSCIANI IN BRASILE

GIANNI FRESU	Introduzione / Introduction	3
1. GIANNI FRESU	Gramsci cittadino del Brasile. Vicende, categorie e ragioni di una fortuna scientifica duratura	9
2. IVETE SIMONATTO SABRINA APARECIDA DA SILVA	Ideologia e Hegemonia em Gramsci: notas sobre a realidade brasileira	25
3. MARCOS DEL ROIO	Carlos Nelson Coutinho e a questão democrática (1977-1981)	38
4. LEANDRO GALASTRI	Mariátegui, Gramsci e as afinidades eletivas de dois pensamentos <i>für ewig</i>	52
5. MARCOS AURÉLIO DA SILVA	Gramsci e a espacialidade da dialética: elementos de uma Geografia Crítica	69
6. MARIA SOCORRO MILITÃO	O movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) do Brasil e a tradução do ideário gramsciano	83
7. ANITA ELENA SCHLESENER	A linguagem e seu significado político e pedagógico a partir dos escritos de Gramsci	103
8. LUCIANA ALIAGA	Gramsci e Pareto: sobre a passividade das massas	118
9. ANA MARIA SAID	Rivoluzione e democrazia: l'eurocomunismo in Brasile al crepuscolo della dittatura	134

Ideologia e hegemonia em Gramsci: notas sobre a realidade de brasileira
Ideology and hegemony in Gramsci: notes on the Brazilian reality
Ideologia ed egemonia in Gramsci: note sulla realtà brasiliana

DOI: 10.19248/ammentu.357

Ricevuto: 18.04.2020

Accettato: 23.05.2020

Ivete SIMIONATTO

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)
International Gramsci Society Brasil

Sabrina APARECIDA DA SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)

Abstract

Within the scope of Marxism, Gramsci is certainly one of the key thinkers reflecting on ideology and shedding light on its expressions in contemporary society. The purpose of this paper is to draw on Gramsci's conceptions of ideology and hegemony to bring into the debate some of the nuances of these concepts as they apply to the Brazilian scenario, and as they are revealed in written and television press and in government discourse from Dilma Rousseff's impeachment process to Jair Bolsonaro's election. This is a theoretical and documentary research study that is part of the project "State, class struggle, representation of interests and hegemony".

Keywords: Gramsci, ideology, Brazilian reality

Resumo

No âmbito do marxismo Gramsci, é certamente, um dos pensadores que mais se destacaram na reflexão sobre a ideologia, lançando luzes para compreender suas expressões na realidade contemporânea. O objetivo do presente artigo, a partir da concepção gramsciana de ideologia e hegemonia, é trazer ao debate algumas nuances de suas expressões na realidade brasileira, suas manifestações através da imprensa escrita e televisiva e de discursos governamentais entre o processo de impeachment de Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro. A pesquisa é teórica e documental e integra o projeto "Estado, luta de classes, representação de interesses e hegemonia".

Palavras chave: Gramsci, Ideologia, realidade brasileira

Sommario

Nell'ambito del marxismo, Gramsci è certamente uno dei pensatori maggiormente distintosi nella riflessione sull'ideologia, aiutando la comprensione delle sue espressioni nella realtà contemporanea. Partendo dalla concezione gramsciana dell'ideologia e dell'egemonia, questo articolo si pone l'obiettivo affrontare alcune sfumature delle sue espressioni nella realtà brasiliana, occupandosi delle sue manifestazioni nei mezzi di comunicazione di massa (stampa e televisione) e nei discorsi governativi tra il processo di *impeachment* di Dilma Rousseff e l'elezione di Jair Bolsonaro. La ricerca è teorica e documentaria e integra il progetto "Stato, lotta di classe, rappresentazione degli interessi ed egemonia".

Parole chiave: Gramsci, ideologia, egemonia, realtà brasiliana

1. Introdução

É inegável o grande acúmulo de conhecimentos científicos já produzidos acerca da categoria ou do conceito de ideologia no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, com variadas definições, compondo um “labirinto” de interpretações e indagações. Embora referenciada na história do pensamento social e político, é a partir de Marx e Engels, passando por Lênin, Gramsci e Lukács, dentre outros, que o lema “ideologia” é ampliado e enriquecido com novos aportes teóricos pela via das contradições entre as classes sociais. Tomado em sentido “positivo” e “negativo”, expressa um conceito histórico, relacionado às condições objetivas e subjetivas de cada época, estando presente nas relações sociais, econômicas, culturais e políticas estabelecidas entre as classes, terreno de construção da consciência e também do conhecimento. Pode-se dizer que não existe somente um conceito ou um significado para a ideologia, pois, as próprias visões de mundo de cada sujeito carregam, simbolicamente, uma escolha política e de projetos societários em disputa, implicando em importantes e diversas consequências políticas.

Se nos escritos de Marx anteriores a 1845, marcados pelo debate filosófico com Hegel e Feuerbach, notadamente nas críticas à religião e à concepção hegeliana de Estado, evidenciam-se as bases materiais da concepção de ideologia, será em *A Ideologia Alemã* onde aparecem as primeiras referências ao termo em sentido negativo. O rompimento com as ideias de Feuerbach não encerra, todavia, o embate com Hegel e os jovens hegelianos, para os quais a consciência tem primazia sobre o real. Contestando tais premissas, Marx afirma que os verdadeiros problemas da humanidade, antes das ideias, são as contradições sociais e suas consequências para o reconhecimento do indivíduo à sua condição de classe. Nesse sentido, a ideologia representa uma ideia distorcida do real, encobrendo suas contradições. A visão da ideologia como “falsa consciência”, presente em *A ideologia alemã*, tornou-se canônica, com larga difusão no âmbito do debate de algumas correntes marxistas no final do século XIX. Para outras vertentes, no entanto, a noção de “falsa consciência” não está relacionada ao conhecimento falseado do real, mas à sua compreensão de forma parcial, naturalizada ou invertida a partir dos interesses de outra classe, no caso a burguesia¹.

Em suas elaborações posteriores especialmente nos *Grundrisse* e *O capital*, a palavra ideologia quase desapareceu obra de Marx, ganhando novo sentido no *Prefácio de 1859*, a partir de uma conotação positivada. A ideologia então é considerada como necessária, pois, é a partir dela que os homens, «no processo de produção de sua existência [...] estabelecem relações determinadas, independentes da sua vontade, envolvendo a “estrutura econômica” e a “superestrutura jurídica e política”, esferas condicionantes das “formas de consciência social [...]”. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral»². Verifica-se, assim, no *Prefácio de 1859*, a ampliação do conceito de ideologia, abarcando também, a esfera da superestrutura, imprescindivelmente necessária à consciência da vida social e política do ser social. É justamente a partir desta abordagem marxiana, rica em determinações, que se encontra o fio condutor das elaborações gramscianas acerca da ideologia na compreensão da superestrutura, «como uma realidade objetiva e operante que

¹ Sobre esse debate ver FÁBIO FROSINI, *Da Gramsci a Marx. Ideologia, verità, politica*, Editore Derive Approdi, Roma 2009; GUIDO LIGUORI, *Roteiros para Gramsci*, Editora da UFRJ, Rio de Janeiro 2007.

² KARL MARX, *Contribuição à crítica da economia política*, Martins Fontes, São Paulo 1983, p. 24.

mantém um nexo indissolúvel com a estrutura» societária³, o que corresponde ao conceito de “bloco histórico”, posto que «as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem forma e as ideologias seriam caprichos individuais sem as forças materiais»⁴.

Combinando as indicações marxianas contidas no *Prefácio* com a leitura das *Teses sobre Feuerbach*, as lições do último Engels e as elaborações de Lênin na dupla perspectiva “ideologia burguesa” e “ideologia proletária”, Gramsci chega aos *Cadernos do Cárcere* apresentando uma concepção positiva da ideologia, relacionada às “visões de mundo”, necessária ao desvendamento da realidade social e, portanto, vinculada à consciência das classes sociais. Para ele, as diversas ideologias presentes na sociedade, ainda que situadas na superestrutura, não estão apartadas do conjunto das relações sociais de produção de um determinado período histórico⁵. Nas polêmicas contra o idealismo croceano e o marxismo economicista de Bukharin, Gramsci⁶ afirma que «não são as ideologias que criam a realidade, mas é a realidade social, na sua estrutura produtiva que cria as ideologias», chegando a uma elaboração próxima à de Marx: «Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência»⁷.

A ideologia, nesta perspectiva, é muito mais do que uma ideia subjetiva, abstrata ou sensorial. É atividade prática e teórica, portadora de uma concepção de mundo, que« [...] se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas»⁸. É o cimento que unifica todo o bloco social e se materializa nas ações concretas e nas lutas diárias dos sujeitos sociais. No processo de lutas desenvolve-se a capacidade para decifrar projetos societários em disputa, as estratégias de classes ou frações de classe, aliadas ou antagonistas, as relações de força e o campo de contradições, evidenciando a estreita relação entre ideologia e hegemonia; assim, na expressão de Coutinho⁹ a ideologia é o *medium* da hegemonia. Contudo, vale sempre recordar, que para Gramsci¹⁰, «se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica».

A ideologia, portanto, não se restringe à “batalha das ideias”, mas necessita de uma base material vinculada ao Estado Integral, ou seja, à sociedade política e à sociedade civil. A materialidade da ideologia tem seu *locus* nos chamados «aparelhos privados de hegemonia», ou sociedade civil, responsáveis pela sua elaboração e difusão, compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais e empresariais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de massa), a arquitetura, a

³ ALVARO BIANCHI, *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*, Editora Alameda, São Paulo 2008, p. 135.

⁴ ANTONIO GRAMSCI, *Cadernos do cárcere*, Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, vol. 1, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1999, p. 238. Citados doravante como CC.

⁵ *Ivi*, p. 250.

⁶ ANTONIO GRAMSCI, *Quaderni del carcere*, edição crítica de Valentino Gerratana, 2 Ed., Einaudi, Torino 1977, pp. 436-437. Citados doravante como Q.

⁷ KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS, *A Ideologia Alemã*, Trad. Rubens Enderle et all., Boitempo, São Paulo 2007, p. 94.

⁸ ANTONIO GRAMSCI, CC, vol. 1, cit., p. 98.

⁹ CARLOS NELSON COUTINHO, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1999.

¹⁰ ANTONIO GRAMSCI, CC, vol. 3, cit., p. 48.

disposição e o nome das ruas¹¹. Articuladas em “aparelhos”, as ideologias são reelaboradas em cada época histórica, assumindo novas dimensões e formas de propagação. Na realidade contemporânea, a “indústria cultural” se expande de forma crescente e articula de forma orgânica, através de um sofisticado complexo de meios de comunicação, abrangendo TVs, jornais, revistas, blogs, redes sociais, sustentáculos das classes dominantes, dos meios políticos, empresariais e financeiros. Tais veículos assumem papel preponderante na disseminação de informações, ideias e princípios que incidem na conformação de uma cultura política e na unificação da opinião pública em torno de determinadas visões de mundo e modos de pensar.

2. Espectros da luta ideológica no Brasil de hoje

Ao longo de sua obra, Gramsci dedica-se à compreensão e ao desvendamento da hegemonia burguesa e de sua inaudita capacidade na organização da produção e na disseminação e difusão de sua visão de mundo. A classe burguesa, nesta época histórica, produz e distribui suas ideias através de «um complexo formidável de trincheiras e fortificações»¹², materializadas nos «aparelhos privados de hegemonia», cuja função é articular o consenso das massas e sua adesão ou não à concepção de mundo do grupo dominante. Se à época de Gramsci¹³ a imprensa destacava-se como «a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica», na atualidade, os novos meios de comunicação, especialmente midiáticos, emergem como agentes centrais na disputa da hegemonia, com destaque para as grandes corporações da mídia empresarial, que além da propriedade dos meios de produção, detêm as tecnologias e os instrumentos para organizar, difundir suas ideias e sua concepção de mundo¹⁴.

No contexto brasileiro, historicamente as grandes corporações dos meios de comunicação, sempre alinhadas aos grupos econômicos e ao Estado, expressam a clara interligação entre mídia, política e grande capital. No campo da política, esse conjunto de forças, com suas campanhas moralistas e reacionárias, atuaram na oposição e na deposição de governos populares, a exemplo de Getúlio Vargas, Juscelino Kubistchek e João Goulart, reeditando o feito em 2016 com o golpe jurídico-parlamentar que culminou na derrubada de Dilma Rousseff. Os principais aparelhos privados de hegemonia, representantes das grandes corporações privadas da mídia televisiva, jornais, revistas semanais e rádios, além dos repertórios da guerrilha digital nos espaços virtuais, juntamente com os poderes Legislativo e Judiciário, encarregaram-se de criminalizar a política, desqualificar a esquerda e criar um ambiente de insegurança na área econômica, imputando a crise à «incompetência e a corrupção do governo do Partido dos Trabalhadores (PT)»¹⁵.

Na esfera da economia, dissociou-se a crise brasileira da crise geral do capitalismo, fortalecendo-se o discurso dos grupos econômicos vinculados ao grande capital nacional e internacional, especialmente ao capital financeiro, vocalizado pela mídia empresarial, criando-se um consenso quanto a necessidade de frear os gastos públicos, considerados “ineficientes” e “descontrolados”, cessar o intervencionismo estatal e dar total liberdade ao mercado. À crise econômica somou-se o descontentamento das classes subalternas com a precarização de suas condições de

¹¹ *Ivi*, vol. 2, p. 78.

¹² ANTONIO GRAMSCI, *Q*, cit., pp. 332-333.

¹³ *Id.*, *CC*, vol. 2, cit., p. 78.

¹⁴ DENIS DE MORAES, *Crítica da mídia & hegemonia cultural*, Mauad X Faperj, Rio de Janeiro 2016.

¹⁵ GIOVANNI SEMERARO, “*Crise orgânica*” e luta de classes em Gramsci, em «*Revista Práxis e Hegemonia*» (Rio de Janeiro), Edição 1, Ano 1, nº 1, dez. 2016, p. 14.

vida, desaguando no ciclo de protestos e manifestações de Junho de 2013. As críticas ao sistema político, ao papel do Estado, à péssima qualidade dos serviços públicos, foram difundidas pelas mais diversas conotações ideológicas, tanto de esquerda, anticapitalistas, mas também de direita e extrema direita, fornecendo farto material à mídia na construção de um ideário centralizado na corrupção como causa de todos os males. Tais movimentos, «deixados em sua espontaneidade, sem uma direção consciente»¹⁶, tornaram-se terreno fértil para grupos reacionários de direita, que, capitaneados pelo grande capital midiático e financeiro, consumaram a crise política, culminando no golpe de Estado. Às pautas anticapitalista e de tendências de esquerda sobrepuseram-se a dos grupos conservadores, descaracterizando suas propostas e articulando-as aos ideais liberais e até mesmo fascistas¹⁷. Vestidos de verde e amarelo, sob o mote da “anticorrupção”, os grupos de manifestantes intensificaram os protestos e, com o apoio dos meios de comunicação, contribuíram para moldar junto à sociedade, um consenso nefasto sobre a esquerda, cujos resultados reverberaram na deposição de Rousseff e desaguaram na eleição de Jair Bolsonaro. Os meios de comunicação, diz Gramsci¹⁸, constroem «modelam a opinião e a vontade política nacional desagregando os que discordam numa nuvem de poeira individual e inorgânica».

Concretizado o golpe jurídico-parlamentar-midiático e desencadeada a “crise de hegemonia”, Temer assume o poder, com o propósito não só de cancelar o “reformismo” alcançado nos governos petistas, mas de “salgar a terra” na qual crescera: a Constituição de 1988¹⁹, revogando os processos de democratização e os parcos avanços conquistados desde então, atingindo especialmente as áreas da saúde, educação, trabalho e previdência social. A captura cultural e ideológica sobre a crise, fundamentada no léxico neoliberal, criou um consenso em torno da agenda econômica, vinculada aos anseios do setor privado, da elite burguesa e das parcelas das classes médias, com intensa participação da grande mídia televisiva e escrita na repetição de expressões como: «o Brasil gasta mais do que arrecada», «a dívida pública é o resultado do excesso de governos gastadores», necessidade de «enxugamento dos gastos públicos», “ajuste fiscal”, «recuperar a confiança do mercado», «incentivar a atividade econômica empresarial», «combater o desemprego», buscar maior “flexibilização” e “competitividade”. Os meios de comunicação foram decisivos na construção da opinião pública, atuando ao lado do Estado, pois este, «quando quer iniciar uma ação pouco popular cria, preventivamente, a opinião pública adequada, ou seja, organiza e centraliza certos elementos da sociedade civil»²⁰.

O grupo no poder não só cria «as condições econômico-políticas objetivas»²¹ para manter sua hegemonia, mas necessita de um cimento ideológico para a implementação prática de seu projeto, posto que, no processo histórico, todo movimento político que pretenda ser hegemônico constrói um campo de ideias e valores para apresentar seu projeto e desconstruir as bases do projeto anterior. O golpe foi a oportunidade para radicalizar o projeto liberal para o Brasil, com sua agenda ultraliberal nos campos econômico e social e ultraconservadora no campo dos

¹⁶ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 3, cit., p.197.

¹⁷ Sobre o fenômeno do fascismo ver GIANNI FRESU, *Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo*, Editora da UEPG, Ponta Grossa 2017.

¹⁸ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 3, cit., p. 265.

¹⁹ ANDRÉ SINGER, *O lulismo em crise*, Companhia das Letras, São Paulo 2018.

²⁰ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 3, cit., p. 265.

²¹ *Id.*, *CC*, vol. 5, cit., p. 74.

direitos humanos. A sustentação ideológica desse projeto não teria ocorrido sem a participação intensa da mídia e dos demais aparelhos privados de hegemonia da classe burguesa, influenciando a opinião pública e direcionando as disputas políticas através de seu arcabouço ideológico e cultural, construindo, no campo simbólico e na prática, um modo correspondente de pensar. O Estado, através de seus intelectuais orgânicos - técnicos, economistas, cientistas políticos, juristas, encarregou-se de dealancar junto à opinião pública uma “cultura política” antiestatal, consonante às premissas neoliberais sustentadas desde as últimas décadas do século XX e tornadas hegemônicas nos dias atuais. A austeridade e a “ideologia do sacrifício” para os trabalhadores transformaram-se em imperativo ético-moral do grupo no poder, contrariamente ao fortalecimento da presença do Estado, para atender os interesses do grande capital. O projeto liberal-conservador de Temer, condensado nos documentos “Uma Ponte para o Futuro” e “A travessia social”, não deixa dúvidas quanto à nova racionalidade do Estado: «Para ser funcional ele deve distribuir os incentivos corretos para a iniciativa privada e administrar de modo racional e equilibrado os conflitos distributivos que proliferam no interior de qualquer sociedade», ou seja, privatizar tudo o que for possível. Ganha centralidade a concepção de Estado gerencial, dado que não será mais o provedor direto dos bens públicos colocados à disposição da população, mas somente naqueles em que «o mercado tenha dificuldades de prover». O Estado «teoricamente [...] parece ter sua base político-social na “gente miúda” [...], mas, na realidade, sua estrutura permanece plutocrática», tornando-se evidentes «as ligações com o grande capital financeiro»²². Conforme já lembrava Gramsci no «L’Ordine Nuovo»²³, a desagregação dos partidos políticos alavanca a vinculação dos governos com o poder econômico e financeiro, já que «os governantes são impostos pelos bancos, pelos grandes jornais, pelas associações industriais; os partidos se desagregam numa multiplicidade de clientelas pessoais».

A dominação de classes e a exploração inerentes ao Estado capitalista manifestam-se como fatos naturais, e qualquer abordagem na garantia de direitos é imediatamente vinculada ao comunismo. A educação é compreendida como mero fator de competitividade e produtividade, estabelecendo-se a relação direta entre crescimento econômico e melhoria da qualidade da força de trabalho; a medicina privada é transformada em baluarte contra a “ineficiência” do Estado e, por consequência, do sistema público e universal, criando no imaginário popular o ideal das camadas de classe superiores que têm acesso à planos de saúde privada. Com um discurso enganoso, promessas de modernização das relações de trabalho e diminuição do desemprego, aprovou-se a reforma trabalhista projetada pelo grande capital, com incalculáveis prejuízos à classe trabalhadora. «Não fale em crise, trabalhe», pronunciava Temer. Disseminou-se a ideologia do “empreendedorismo”, convertendo as pessoas em uma forma de empresa-indivíduo, cujo sucesso deve ser medido no nível da competição individual da meritocracia, com consequências deletérias à formação das identidades individual e coletiva. Aprofunda-se, nesse quadro, o alijamento da participação nos institutos coletivos, como sindicatos e partidos políticos, conferindo-se maior poder aos aparelhos privados de hegemonia vinculados ao empresariado, que dispõe de um complexo sofisticado de meios de comunicação, como a internet, redes sociais, blogs e *youtubesr* para a disseminação e socialização

²² *Id.*, *CC.*, vol. 4, cit, p. 278.

²³ *Id.*, *Escritos Políticos*, vol. 1, Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2004, p. 420.

de suas ideias. Eliminam-se, através do poder coercitivo do Estado, as formas de participação na esfera pública e as diversas institucionalidades democráticas construídas no exercício das lutas sociais. O cerne do ultraliberalismo, em última instância, visa a minar as possibilidades de qualquer participação, a não ser a exercida pelo voto, expondo a face kafkiana de um Estado autoritário e de toda a sua força coercitiva para afrontar direitos, esvaziar as garantias individuais e coletivas, revigorar discursos de exceção, de ódio, de intolerância e de violência.

As premissas contidas no projeto do governo Temer e do grupo hegemônico foram capitaneadas pela mídia, desenvolvendo-se uma cruzada conservadora e reacionária contra os avanços sociais, mediante o convencimento na adoção de políticas de austeridade fiscal. Os meios de comunicação, políticos, empresariais e financeiros forneceram o suporte ideológico na disseminação de informações, ideias e princípios, incidindo fortemente na organização e unificação da opinião pública em torno de suas concepções de mundo. Com sua repetição obsessiva, deturpa e falsifica os fatos, organiza o consenso junto às massas, contaminando as informações através de juízos de valor, evidenciando sua cumplicidade com as estruturas de poder a serviço da classe dominante. A repetição contumaz desse mantra de informações deturpadas ganha foro de verdade, sendo acolhidas como legítimas e sem contestação. Estas são para Gramsci as trincheiras da guerra de posição ocupadas pelos grupos dominantes, cujo avanço é facilitado pela inexistência no campo das classes trabalhadoras de estruturas organizativas de semelhante dimensão.

O que vivemos hoje no campo ideológico, no campo da subjetividade é a escalada do conservadorismo e do reacionarismo, em boa parte construída pelos meios de comunicação de massa, que bombardeiam ininterrupta e cotidianamente a vida de todos. A mídia assume o perfil de partido político, de «intelectual orgânico coletivo da classe burguesa», fazendo sua “reforma intelectual e moral” e interpretando os fatos como convém à manutenção da sua hegemonia. Os comissários “do grupo dominante”, com o apoio da grande mídia, têm sido hábeis na construção de táticas para fortalecer sua hegemonia, tanto através do consenso “espontâneo” das massas quanto das forças coercitivas do Estado. Utilizando a linguagem gramsciana, pode-se dizer que o Estado «educa o consenso» através dos «aparelhos privados de hegemonia», especialmente dos meios televisivos e dos grandes monopólios privados da mídia, mecanismos fortalecedores da fragmentação e passivização social das classes subalternas, operando na construção de uma visão de mundo acrítica, para manter os «simples na sua filosofia primitiva do senso comum» e não conduzi-los a «uma filosofia de vida superior»²⁴.

O governo eleito para a legislatura de 2019-2022 aprofunda essa realidade, seguindo as contrarreformas aprovadas no período anterior, buscando consolidar a hegemonia do grande capital. No âmbito da economia, o denominado «Projeto do Mercado para o Brasil», pautado em diretrizes ultraliberais assumidas pelos intelectuais da escola de Chicago, vincula-se às máximas dos mercados e aos imperativos da acumulação, sobretudo a financeira, a redução do tamanho e das funções do Estado ao mínimo possível para os trabalhadores, além do favorecimento desmesurado aos capitais internacionais, especialmente aos grupos rentistas²⁵. A política é desqualificada e reduzida ao terreno da “pequena política”, das disputas entre o “bem” e o “mal”, do

²⁴ Id., CC, vol. 1, cit., p. 103.

²⁵ LEDA G. PAULANI, *Os próximos passos na ponte para o abismo*, Entrevista, Disponível em <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/guedes-e-os-proximos-passos-na-ponte-para-o-abismo/>>, (Acesso em 09/04/2020).

acirramento do ódio entre as classes sociais. O ideário político da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi construído mediante a apologia às armas, à violência, à pedagogia do medo e combate à corrupção, associada a ideias próximas ao fascismo na defesa da ordem, da propriedade, da família, da pátria e de Deus. Conservadorismo e fundamentalismo religioso, associado às forças das elites empresariais e financeiras, constituem a base do novo governo.

Em seu discurso de posse, o presidente pronunciou várias vezes a palavra ideologia: prometeu libertar o país “da submissão e das amarras ideológicas”, combater a “ideologia de gênero” e conduzir uma economia “sem viés ideológico”. O uso do termo em sentido pejorativo é sempre empregado para desqualificar projetos políticos anteriores, via de regravinclados ao PT e tendências de esquerda. A pretensa desideologização da economia, do Estado, da educação e da religião contribui para a formação de uma massa de manobra, especialmente formada pelas classes subalternas, a qual, nesse processo, acaba por desconfigurar seus próprios projetos. São assumidas uma visão de mundo que não é sua tomada «emprestado de outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, [...] a afirma verbalmente, e também acredita segui-la»²⁶. Assim utilizada em sentido depreciativo, a ideologia adquire nos discursos do governo a manifestação de “elucubrações arbitrarias”, «racionalísticas e voluntaristas», à medida em que toda a ideologia aparece como «inútil, estúpida»²⁷.

A estratégia discursiva de suposta neutralidade revela, contudo, a tendência ideológica do governante e dos integrantes da sua equipe de governo. Na esfera administrativa o pessoal do Estado é formado em grande medida por quadros militares, em número superior até mesmo ao dos governos do período ditatorial, justificados pela competência técnica, isto é, “não ideológica”, e como medida anticorrupção, revelando seu caráter cesarista-bonapartista regressivo. A unidade do núcleo ideológico é assegurada pelas ideias de um pseudo-filósofo de cariz ultraliberal e obscurantista, com incidência direta no grupo familiar bolsonarista e na esfera de governo. Os Ministérios da Educação, das Relações Exteriores, da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, alinham-se a essa orientação ideo-política, mediante a defesa de uma extensa pauta conservadora nos costumes, especialmente em temas relativos ao aborto, ao papel da mulher e da família, aos valores religiosos, à pretensa eliminação da ideologia no processo educacional, às relações internacionais, aos direitos humanos. «Ideologia não, ideias sim», escreveu o chanceler, para se contrapor ao que denomina de «marxismo escancarado» de governos anteriores, apregoando que um «saudável pragmatismo deve substituir a ideologia». Este núcleo, com suas «prédicas morais, com tiradas sentimentais, com mitos messiânicos de espera de idades fabulosas», faz crer «que todas as presentes contradições e misérias serão automaticamente resolvidas e sanadas»²⁸ por uma vontade superior abstrata.

Nas questões de gênero, exalta-se a visão arcaica, submissa e machista da mulher: «mulheres nasceram para ser mães»; o modelo ideal de sociedade é deixá-las em casa, sustentadas pelos homens, camuflando-se os interesses em reduzir

²⁶ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 1, cit., p. 97.

²⁷ No Caderno 11, Gramsci faz uma distinção entre as ideologias «historicamente orgânicas, isto é que são necessárias a uma determinada estrutura e ideologias arbitrarias, racionalísticas e “voluntaristas” [...] enquanto necessárias “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência da sua posição, lutam, etc. [...] Enquanto são “arbitrarias”, não criam mais do que “movimentos” individuais, polêmicas, etc.». *Ivi*, p. 237.

²⁸ *Id.*, *Obras escolhidas*, Martins Fontes, São Paulo 1978, p. 123.

drasticamente os gastos do Estado em áreas fundamentais, transferindo para as famílias a responsabilidade de educar, criar e cuidar dos filhos, trabalho invisível majoritariamente a cargo das mulheres. No campo dos direitos humanos, criminalizam-se os movimentos sociais e ativistas e desencadeia-se uma guerra contra a organização camponesa e as populações negras, LGBT, indígenas e quilombolas. As manifestações de movimentos populares são constantemente desqualificadas e criminalizadas a exemplo do Movimento dos Sem Terra (MST), cujos integrantes são taxados de “invasores” e “desordeiros”, e as greves de trabalhadores são vistas como “baderna”, “ameaça à ordem pública” e “prejuízos à economia”. Ao lado do Estado policesco, necessário para proteger os “homens de bem”, se fortalece um poder estatal paralelo comandado pela atuação das milícias.

Para o grupo no poder, parte da crise vivenciada no Brasil localiza-se na área da educação, atribuindo-se aos professores, em especial às escolas públicas, o processo de “doutrinação ideológica” promovido pelo governo quando dirigido pelo PT, mediante o chamado “marxismo cultural”, que colocaria em cheque valores como a família, questões de gênero e orientação sexual. Encarnação do mal, o marxismo estaria destruindo o país, sendo premente varrê-lo do ambiente acadêmico, sobretudo das universidades e escolas públicas, principais *trincheiras de luta a serem combatidas*. Questionam-se o valor do conhecimento, a credibilidade científica da pesquisa, o patrimônio cultural e artístico, coíbe-se o pensamento crítico e autônomo, instaura-se um ambiente macartista nas instituições e nos espaços de trabalho.

A pauta de costumes encontrou no movimento *Escola sem partido* seus principais ideólogos e defensores, no ideário ultraconservador da chamada “nova direita”. Pregando a pretensa neutralidade política, ideológica e religiosa, cerceia-se a formação crítica, a liberdade de pensamento, sintonizando-se com a visão fundamentalista evangélica e outras tendências religiosas conservadoras. Embora o projeto tenha sido retirado da pauta do Parlamento, suas ideias foram absorvidas por boa parte do sistema escolar em vários municípios brasileiros, exercendo um grande poder de convencimento e permeação social entre as diversas camadas de classe. A imposição de métodos de alfabetização, o questionamento da laicidade das escolas, o incentivo à escolarização doméstica, a retomada do ensino de moral e cívica, a censura a materiais didáticos, a simplificação do rigor científico, são as diretrizes da nova pedagogia enquanto a pedagogia histórico-crítica de Paulo Freire é atacada e desqualificada como “ideologia de esquerda”, sugerindo-se a retirada de suas obras das bibliotecas.

Esse ideário se coaduna com o projeto das escolas-cívico militares, em expansão no Brasil com amplo investimento público. “Menos ideologia e mais capacidade técnica”, é o mote do governo na defesa da militarização das escolas, muito embora as falas dos governantes revelem-se puramente ideológicas ao destacarem que é necessário «garantir que nossa bandeira verde e amarela jamais será vermelha». Disciplina, civismo, controle social, princípios da ordem militar introduzidos nas escolas públicas, são remodelados à semelhança dos quartéis, denotando os audosismo do regime ditatorial e a consolidação de políticas públicas pautadas na violência e no autoritarismo. O propósito, como alertava Gramsci²⁹, «é de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”», abandonando-se qualquer nexo entre “instrução e educação”.

²⁹ *Id.*, CC, vol. 2, cit., p. 33.

No âmbito do ensino superior público, o desmonte do sistema de ciência e tecnologia ocorre incessantemente através da desqualificação da universidade pública, lugar de “balbúrdia” e de consumo de drogas. A educação pública estatal é transformada em mercadoria, a ser gerida com recursos da iniciativa privada e pela lógica gerencial correspondente. Despreza-se a ciência e o conhecimento produzido em tais instituições, nega-se a História, dissemina-se a censura, atingindo a liberdade de cátedra, interfere-se na autonomia universitária, desrespeitando-se a prática consuetudinária de nomeação de reitores escolhidos pela comunidade acadêmica senão estiverem afinados à ideologia do grupo no poder. Os investimentos em pesquisa sofrem drásticos cortes, especialmente na área de Ciências Humanas e Sociais, dado que, permeadas pelo “marxismo cultural”, não estariam produzindo ciência e sim ideologia. Os grupos ultraconservadores e reacionários promovem um ataque ao marxismo, com o propósito de “libertar o Estado brasileiro do marxismo cultural” e suas derivações, como o “gramscismo”, que nos últimos 30 anos teria provocado a união da esquerda “às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação”, do Estado, da família, da igreja, da escola, da cultura³⁰. Termos como “gramscismo”, “cultura gramscista” ou “dominação gramscista da cultura”, repetidos pelos novos integrantes do poder emanado do “alto”, funcionários do Estado e seus intelectuais, vêm ganhando popularidade entre os apoiadores que integram os grupos de direita, compostos não apenas pelos tradicionais caciques das oligarquias, mas também por boa parte da classe média urbana, estudantes, pastores, militares, capilarizados nas diversas redes sociais por aplicativos de comunicação como o *WhatsApp*, uma das ferramentas de marketing político e de disseminação de fake news nas últimas eleições. O combate ao marxismo, em sinais trocados através do “direitismo cultural”, com incisivos apelos ideológicos, subverte e desvia a atenção dos graves problemas estruturais que historicamente atravessam a realidade brasileira, eivada de resquícios da escravidão, do latifúndio e do colonialismo, criando um senso comum em torno de ideias e valores que encobrem os antagonismos de classe, a brutal desigualdade e a exploração.

No campo dos direitos sociais, todos os governos bateram na mesma tecla: «sem reformas não há retomada do crescimento econômico», e a previdência social foi a bola da vez, considerada privilégio do funcionalismo público. Construiu-se e sedimentou-se o ódio contra os trabalhadores do setor público, sendo-lhes atribuída a pecha de “parasitas” que vivem às custas do Estado. Sem esquecer a reforma promovida por Lula, as tentativas de Dilma e Temer, foi no governo Bolsonaro que se promoveu uma maior campanha publicitária, principalmente na TV aberta, influenciando a opinião pública no intuito de convencer a população sobre a necessidade da reforma, sob a falácia do “déficit nas contas da Previdência Social”. “A reforma das reformas”, uma reforma “ambiciosa” e “justa”, nas palavras do governo e da mídia, porque “mira na redução de privilégios”. O apoio diuturno ao projeto do governo, dos grupos empresariais do setor bancário esteve na pauta da mídia brasileira desde o governo anterior. Abusando da manipulação de dados, os diversos meios de comunicação defenderam a proposta do governo em editoriais e reportagens, ignorando a pluralidade de ideias como se houvesse consenso em torno da proposta governamental, obnubilando os projetos antagônicos e as diferenças entre as classes sociais e as consequências para a população mais pobre,

³⁰ Proposta de Plano de Governo, *O caminho da prosperidade*, Disponível em <<http://www.tse.jus.br/arquivos/jair-bolsonaro-proposta-de-governo-1o-turno>>, (Acessado em 10/04/2019).

especialmente as mulheres. Nesse quadro, as possibilidades de intervenção política vão sendo cada vez mais desestimuladas no caminho da fatalidade e do conformismo - não haveria muito o que fazer e ainda as coisas poderiam piorar. Os “aparelhos privados de hegemonia”, especialmente a mídia, atuaram como um instrumento político eficaz no repasse das ideias da classe dominante, interferindo de forma incisiva na despolitização e na desestruturação das lutas sociais. Não foi diferente em relação às medidas tomadas no aprofundamento da reforma trabalhista. A pretexto de “dinamizar a economia”, o governo atendeu aos interesses do mercado, flexibilizando direitos, de modo a assegurar maior lucratividade às empresas, sem qualquer participação das representações dos trabalhadores.

A ofensiva das forças conservadoras e suas versões ideológicas, orquestrada pela mídia e ancorada nas camadas médias, direcionou-se também aos programas sociais dos governos do PT, compreendidos como um favorecimento aos setores populares em detrimento de seu sentimento de superioridade diante das massas. As medidas adotadas no âmbito das políticas sociais, a exemplo de programas de transferência de renda como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), foram alardeadas como “enormes custos”, “desequilíbrio das contas públicas”, «impactos negativos na economia». Outros estereótipos vão sendo formados pelo ideário burguês dirigidos aos programas assistenciais, como as pechas do pobre “preguiçoso”, “vagabundo”, mal-vestido e que “não gosta de trabalhar”. Isso faz parte de uma construção político-cultural histórica e ideológica, presente em nossa sociedade de classes, própria da formação histórica brasileira, com sua modernização “pelo alto”, sob o domínio das elites burguesas, exclusão da participação popular e seus permanentes traços de reacionarismo, conservadorismo, patrimonialismo e populismo, marcas persistentes da nossa formação, produzidas ao longo do tempo, encobrendo a verdadeira face do nosso drástico *apartheid social*.

Conforme escreve Gramsci, se a ideologia se expressa em todas as esferas da vida social, nas artes não foi diferente. Extinguiu-se o Ministério da Cultura e a censura voltou a ameaçar a livre expressão de artistas subsidiados por verba pública, atingindo especialmente a indústria do audiovisual, que vinha alavancando o cinema nacional nos principais festivais do mundo, mas também as artes cênicas, as feiras de livros, as exposições e as direções de museus e entidades culturais. A guerra no campo das artes prosseguiu com retaliação e censura a obras e trabalhos em dissonância com a ideologia do governo e reportados ao regime autoritário, à sexualidade e questões de gênero. Agressões a artistas, com falas plagiadas de Goebbels, no claro flerte com expressões próximas ao fascismo e ao nazismo do século 20, foram postadas em *lives* do dirigente da área cultural. Contribuem para isso as formulações ideológicas das igrejas, especialmente as neopentecostais, com sua pauta conservadora e reacionária calcada nos valores da família e da tradição judaico-cristã, com ampla ação educativa na organização política das classes subalternas através da “teologia da prosperidade” e da ideologia do “empreendedorismo”. A intersecção entre religião e política expressa no *slogan* do governo “Brasil acima de Tudo. Deus acima de Todos” desafia a proposição de Estado laico fortalecida durante a Revolução Francesa e tornada princípio republicano nos séculos posteriores.

Como romper com esta realidade brutal? O que contrapor a este complexo de trincheiras e fortificações da classe dominante? Responde Gramsci: «O espírito de cisão, isto é, a conquista progressiva da consciência da própria personalidade histórica, espírito de cisão que deve tender a se ampliar da classe protagonista às

classes aliadas potenciais», o que requer «um complexo trabalho ideológico»³¹. E para modificar o panorama ideológico de uma época, substituir o senso comum existente por uma nova forma de pensar, a mesma estratégia utilizada pelos massivos meios de comunicação e pelo Estado precisa ser incorporada pelas frentes de esquerda na construção de uma nova hegemonia, como sugere Gramsci³²: «1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos [...] a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar de modo incessante para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas [...] o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela».

3. Considerações finais

Gramsci³³ alerta, no Caderno 13, que na análise de uma determinada realidade deve-se distinguir o “que é orgânico e o que é ocasional”, o que implica compreender que os fatos de uma dada conjuntura não estão desconectados da estrutura mais ampla. O quadro sócio-político da conjuntura atual brasileira apresentado em seus traços gerais, portanto, não está desvinculado da crise orgânica do capital em escala global. A crise econômica e política vivida no Brasil, agudizada na segunda década dos anos 2000, envolveu, em sua processualidade tanto os mecanismos econômicos quanto os de domínio político-ideológicos, mobilizados pela classe dominante através de seus “aparelhos privados de hegemonia”, da ação do Estado e de seus intelectuais³⁴. Nos campos ideológico e cultural, tais aparelhos, especialmente os representados pela grande mídia empresarial aliada ao poder político, utilizaram-se das «mais refinadas e decisivas armas ideológicas»³⁵ para realizar a sua “reforma intelectual e moral”, abrangendo tanto a esfera da economia quanto a política e cultural. A visão de mundo da classe economicamente dominante tem saturado a sociedade com sua direção ético-política, colocando-se «a si mesma como um organismo em contínuo movimento, capaz de absorver toda a sociedade, assimilando-a a seu nível cultural e econômico»³⁶.

Para Gramsci contudo, os aparelhos privados de hegemonia tanto podem repassar a visão de mundo da classe burguesa, também se constituem em espaços de contraposição e de enfrentamento. Ao mesmo tempo em que a classe dominante tenta impor sua visão de homem e de mundo, também explicita suas contradições, podendo contribuir para o fortalecimento da consciência crítica e a emergência de sujeitos políticos dispostos a lutar pela construção de uma nova hegemonia. Ocupar os atuais aparelhos e criar novos para permitir a elevação cultural das massas são tarefas de importância decisiva neste processo, para que possam libertar-se da pressão ideológica das classes dirigentes e elevar-se à condição destas últimas. É neste horizonte de embate de projetos classistas que se insere a concepção gramsciana de hegemonia. O avanço da ofensiva burguesa e a radicalização de sua agenda neoliberal conservadora convocam para o repensar do campo de lutas da classe trabalhadora, através de seus institutos coletivos, seja no campo sindical, partidário e de outros movimentos na construção de uma frente única para o

³¹ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 3, cit., pp. 78-79.

³² *Id.*, *CC*, vol. 1, cit., p. 110.

³³ *Id.*, *CC*, vol. 3, cit., p. 37.

³⁴ ANA ELIZABETE MOTA, *Expropriações contemporâneas: hipóteses e reflexões*, em IVANETE BONSCHETTI (Org.), *Expropriação e direitos no capitalismo*, Cortez, São Paulo 2018, pp. 167-186.

³⁵ ANTONIO GRAMSCI, *CC*, vol. 1, cit., p. 225.

³⁶ *Id.*, *CC*, vol. 3, cit., p. 271.

enfrentamento da ordem do capital, incluindo aqui o controle dos meios de comunicação de massa.

Conforme afirmamos no início, recuperar as formas de “adesão ativa ou passiva” das classes subalternas às políticas dominantes, a caracterização de suas reivindicações e as lutas que podem travar juntamente com os institutos organizativos da sociedade civil, representantes dos interesses populares, são caminhos e possibilidades para afirmar sua autonomia e construir projetos societários para além dos limites postos pela hegemonia burguesa nos marcos do capitalismo contemporâneo. Dessa situação de subalternidade pode-se emergir quando se assume a consciência do significado do próprio operar, da efetiva posição de classe, da natureza das hierarquias sociais e políticas. Quando se elabora, enfim, uma nova concepção de política, de Estado, de sociedade, superando a visão de mundo imposta mecanicamente a partir do ambiente externo, da sociedade oficial, de modo passivo, substituindo a “espontaneidade” pela “direção consciente”, por uma visão de mundo coerente, crítica e renovada, o que demanda, também, o trabalho orgânico dos intelectuais junto às massas. Há que se reconhecer, conforme alerta Gramsci³⁷, que esse é um processo «longo, difícil, cheio de contradições, de avanços e de recuos, de desdobramentos e reagrupamentos», que exige persistência e pressão advindas do poder popular.

³⁷ *Id.*, CC, vol. 1, cit., p. 104.